

ARTE! Brasileiros



O LUGAR DA ARTE THE PLACE OF ART

Seminário Verbier Art Summit Bienais 58ª Bienal de Veneza 13ª Bienal de Havana Feiras Art Basel Miami Hong-Kong SP-Arte Análise Muito além da arte Residências Alto Paraíso Pivô Santídio Reportagem Arte Correio Exposições Rosana Paulino Detanico Lain Passado/Futuro/Presente Paul Klee Farnese de Andrade Stephen Dean Artistas Maiolino Komatsu Livros Pedro Motta Iole de Freitas Crítica Andujar ARTE! International Bilíngue Bilingual março abril maio march april may 2019 número issue 46 artebrasileiros.com.br



EM VERBIER, LÍDER INDÍGENA DEFENDE QUE ARTE NÃO É PARA COVARDES

BRASILEIRA NAINÉ TERENA PARTICIPA DE ENCONTRO DA SUÍÇA,
ORGANIZADO POR JOCHEN VOLZ, COM FORTE CARÁTER POLÍTICO

POR FABIO CYPRIANO*



JAMES CAPPER, AERO CAB TEST RUN



O ARTISTA BRASILEIRO ERNESTO NETO FALOU COM O PÚBLICO SOBRE HUMANISMO E INTERCONEXÕES

PODE UMA CIDADE ALTAMENTE ELITISTA, frequentada basicamente por bilionários do circuito internacional, onde nem mesmo o cidadão médio suíço tem acesso, ser sede de um encontro de arte contemporânea?

O desafio é encarado pelo Verbiert Art Summit (VAS), que teve sua terceira edição realizada nos dias 2 e 3 de fevereiro passado. O evento foi criado por um grupo de moradores e proprietários de chalés da pequena cidade de três mil habitantes. O que não falta lá são milionários famosos, como a cantora Barbra Streisand, o empresário Richard Branson, o colecionador Dakis Joannou e o príncipe Andrew, da Inglaterra, que há três anos pagou nada menos que R\$ 65 milhões por uma cabana de sete quartos. Exagero dá o tom do local, onde um drink pode chegar a custar R\$ 25 mil nas festas VIP da cidade.

Desde 2017, o VAS, liderado pela advogada holandesa Anneliek Sijbrandij-Schachtschabel, consiste em um encontro de dois dias organizado por um curador convidado. A primeira foi Beatrix Ruf, então diretora do Museu Stedelijk, no ano passado Daniel Birnbaum, do Museu de Arte Moderna de Estocolmo, e agora Jochen Volz, diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Durante dois dias, às tardes, o time por ele escolhido se apresentou em um auditório com entrada franca para inscritos, enquanto pela manhã, nos sofisticados chalés de madeira dos organizadores, grupos selecionados debateram com os convidados, encontros onde

jornalistas não eram permitidos. Também fez parte da programação a exibição do filme *O Vermelho do Meio-Dia*, realizado pelo artista suíço Tobias Madison em São Paulo, em colaboração com o Grupo Mexa, que chocou a plateia por retratar uma cidade bastante decadente, e o teste da escultura móvel do artista inglês James Capper em meio à estação de esqui.

Com o tema *Somos muitos. Arte, o político e múltiplas verdades* e um time bastante radical, entre eles a artista cubana Tania Bruguera, o sociólogo português Boaventura de Souza Santos, a líder indígena brasileira Nadine Terena e a curadora sul-africana Gabi Ngcobo, Volz reposicionou o evento elitista de forma elegante. “Tive total liberdade para organizar as mesas, convidei pessoas que admiro muito”, contou Volz, em Verbiert. Alguns dos artistas selecionados, como Bruguera, Grada Kilomba e Rirkrit Tiravanija farão parte da programação da Pinacoteca, agora em 2019. Em 22 de junho, o livro com todas as palestras do evento será lançado na Pinacoteca.

“Nós precisamos descer das montanhas para chegar na lama”, chegou a afirmar o curador alemão radicado no Brasil na abertura do evento, ainda sob o impacto do estouro da barragem em Brumadinho, ocorrido poucos dias antes da abertura do Summit. Foi uma fala poética e direta de como o debate sobre arte não deve ficar restrito a um mero encontro, mas merece provocar ações concretas.



JOCHEN VOLZ COM NAINÉ TERENA, À ESQUERDA, E ANNELIEK SIJBRANDIJ, À DIREITA

Seguindo a deixa de Volz, muitos dos convidados buscaram reconfigurar o auditório onde o encontro ocorria, como a alterar estruturas de poder. Foi o que fez logo na primeira sessão Kilomba, que abandonou o pedestal selecionado para os palestrantes, preferindo falar sentada, de maneira mais informal. “Desaprender é também alterar espaços”, definiu a artista portuguesa, que participou da 32ª. Bienal de São Paulo, em 2016. Ela apresentou na Suíça cenas de seu mais recente trabalho, *Illusions 2*, uma desconstrução do mito de Édipo, criado para a 10ª Bienal de Berlim, no ano passado.

O tom geral seguiu em reflexões políticas, como fez Terena, que abordou as ameaças aos 800 mil índios que vivem no Brasil e começou sua fala parafraseando o presidente da escola de samba Sossego: “Arte não é para covardes”. Para ela, “a maior arte dos povos indígenas é se manter vivo, é resistência”.

Resistência também foi tema da fala de Ngcobo, sobre experiências de movimentos anti-apartheid na África do Sul, nos anos 1970, e como jovens artistas atualizam, atualmente, as questões daquele período.

Já Santos, no segundo dia, em uma fala que abordou questões vinculados à defesa dos direitos humanos, declarou estar participando de movimentos contra o uso indiscriminado de agrotóxicos no Brasil. “Há muito mais pessoas com câncer no interior de São Paulo por conta

dos venenos espalhados pelo agronegócio”, provocou. Figura frequente em Verbier, por conta de um festival de música que ocorre na cidade, a cantora lírica Barbara Hendricks, embaixadora da Acnur (Alto Comissário da ONU para Refugiados) fez uma defesa da arte como elemento empoderador.

Finalmente, o artista tailandês Tiravanija repensou o espaço do encontro de forma radical: desceu para a plateia e sugeriu que cada um alterasse a organização das cadeiras, deixando de estarem todas voltadas para o palco. Sob penumbra, ele pediu ao público que observasse sua própria respiração por dez minutos. Ao final, pediu que cada um falasse algo a partir das experiências dos dois dias em Verbier, gerando certa tensão, afinal foi um palestrante que preferiu não falar. Houve quem, após participações tão políticas, propusesse que o grupo deveria ter alguma ação concreta, enquanto outros, como Gabi Ngcobo, ao invés de falar, tocou a canção “We don’t need another hero”, famosa na voz de Tina Turner, que foi o título da Bienal de Berlim, por ela organizada no ano passado.

Nesse ambiente um tanto irônico, o silêncio de um artista como Tiravanija é uma atitude bem coerente com um evento para discutir arte em uma cidade como Verbier. Arte, de fato, não é para covardes.

*Fabio Cypriano, viajou a convite do Verbier Art Summit



IN VERBIER, INDIGENOUS LEADER ARGUES THAT ART IS NOT FOR COWARDS

BRAZILIAN NAINÉ TERENA PARTICIPATES IN A MEETING OF SWITZERLAND, ORGANIZED BY JOCHEN VOLZ, WITH A STRONG POLITICAL CHARACTER

BY FABIO CYPRIANO

CAN A HIGHLY ELITIST CITY, frequented basically by billionaires of the international circuit, where even the average Swiss citizen has no access, host a meeting of contemporary art?

The challenge is faced by the Verbier Art Summit (VAS), which had its third edition held on last February 2 and 3. The event was created by a group of residents and owners of chalets of the small town of three thousand inhabitants. What not lack there are famous millionaires such as the singer Barbra Streisand, the businessman Richard Branson, the collector Dakis Joannou and the Prince Andrew of England, who three years ago paid no less than R\$ 65 million for a seven-bedroom cabin. Exaggeration gives the tone of the place, where a drink can cost R\$ 25 thousand in the VIP parties of the city.

Since 2017, the VAS, led by the Dutch lawyer Anneliek Sijbrandij-Schachtschabel, consists of a two-day meeting hosted by a guest curator. The first was Beatrix Ruf, then director of the Stedelijk Museum, last year Daniel Birnbaum of the Museum of Modern Art in Stockholm, and now Jochen Volz, director of the Pinacoteca of the State of São Paulo.

For two days in the afternoons, the team he had chosen presented themselves in an auditorium with free entrance for enrollees, while in the morning in the sophisticated wooden chalets of the organizers, selected groups debated with the guests, meetings where journalists were not allowed. The exhibition of the movie *The Midday Red* was also included in the program, a movie by Swiss artist Tobias Madison in São Paulo, in collaboration with Grupo Mexa, which shocked the audience by portraying a very decadent city, and the test of mobile sculpture by the English artist James Capper in the midst of the ski resort.

With the theme *We are many*. Art, the political and multiple truths and a very radical team, among them, the Cuban artist Tania Bruguera, the Portuguese sociologist Boaventura de Souza Santos, the Brazilian indigenous leader Nadine Terena and the South African curator Gabi Ngcobo, Volz repositioned the elitist event in an elegant way. "I have been completely free to organize the tables, I have invited people that I greatly admire", said Volz in Verbier. Some of the selected artists such as Bruguera, Grada Kilomba and Rirkrit Tiravanija will be part of the program of the Pinacoteca, now in 2019. On June 22, the book with all the lectures will be released at the Pinacoteca.

"We need to get down from the mountains to get to the mud", said the Brazilian curator living in Brazil at the opening of the event, still under the impact of the Brumadinho dam burst just a few days before the Summit opened. It was a poetic and direct talk of how the art debate should not be restricted to a mere encounter but deserves to provoke concrete actions.

Following Volz's departure, many of the guests sought to reconfigure the auditorium where the meeting took place, as to alter power structures. That was what she did in the first session Kilomba, who left the pedestal selected for the speakers, preferring to talk in a more informal way. "To unlearn is also to change spaces", defined the Portuguese artist, who participated in the 32nd. Biennial of São Paulo in 2016. She presented scenes in Switzerland of her latest work, *Illusions 2*, a deconstruction of the Oedipus myth, created for the 10th Berlin Biennale last year. The general tone followed in political reflections, as did Terena, who approached the threats to the 800 thousand Indians living in Brazil and began his speech

paraphrasing the president of the Sossego samba school: "Art is not for cowards". For her, "the greatest art of indigenous people is to stay alive, it is resistance". Resistance was also the theme of Ngcobo's talk about experiences of anti-apartheid movements in South Africa in the 1970's, and how young artists are currently updating the issues of that period.

Santos, on the second day, in a speech that approached issues related to the defense of human rights, stated that he is participating in movements against the indiscriminate use of agrochemicals in Brazil. "There are many more people with cancer in the interior of São Paulo because of the poisons spread by agribusiness", he provoked.

A frequent figure in Verbier, due to a music festival taking place in the city, the singer Barbara Hendricks, ambassador of Acnur (UN High Commissioner for Refugees) made a defense of art as an empowering element.

Finally, the Thai artist Tiravanija rethought the space of the meeting in a radical way: he descended to the audience and suggested that each one change the organization of the chairs, not being all facing the stage. On the gloom light, he asked the audience to watch his own breathing for ten minutes. In the end, he asked everyone to say something from the experiences of the two days in Verbier, generating some tension, after all it was a speaker who chose not to speak. There were those who, after such political contests, proposed that the group should have some concrete action, while others, like Gabi Ngcobo, instead of talking, played the song "We don't need another hero", famous in the voice of Tina Turner, which was the title of the Berlin Biennial, organized by her last year. In this somewhat ironic environment, the silence of an artist like Tiravanija is a very coherent attitude with an event to discuss art in a city like Verbier. Art, in fact, is not for cowards.

BIENNIAS VENICE | PAGES 18 TO 24

UNDER THE LENS OF BARBARA WAGNER AND BENJAMIN DE BURCA

WITH A MULTIDISCIPLINARY AUDIOVISUAL WORK PRODUCED IN UNIVERSES AT ONCE POP AND MARGINALIZED FROM DIFFERENT CITIES IN THE WORLD, THE DUO WINS PROMINENT POSITION AND WILL REPRESENT BRAZIL AT THE VENICE BIENNALE

BY MARCOS GRINSPUM FERRAZ

FROM THE FIRST WORK DONE together and the present day it has been only six years. In this prolific period, Barbara Wagner, 38, and Benjamin de Burca, 43, held about ten large projects - among photographic series, video installations and short films - and with them they were present in a series of biennials, exhibitions and festivals around the world. They toured the universes of art and cinema and, in 2019, were awarded at the Berlin Festival with the short film *RISE* (2018). Now, they prepare to represent Brazil in the 58th Venice Biennale, with the unreleased *Swinguerra*, that has just been shot in Recife.

In a productive sequence almost without breaths from 2013, the duo developed a coherent and solid line of research both in the themes treated and in the creation of an aesthetic and a language - even with the nuances and peculiarities of each project. But, according to them, rarely stopped to analyze this body of work. "I started thinking about it just recently. Until recently we could not see a body, because we produce a lot in a short time. Now that we build up some works we can look back and understand more clearly the relations between them," says Wagner, who, next to Burca, talked for more than one hour with **ARTE!Brasileiros**.

Especially in projects involving films, that now arrives at seven, the duo presents